



## A IMAGEM QUE OLHA PARA OS DOIS LADOS: uma leitura de “dialética da malandragem”, de Antonio Candido

BEATRIZ SIMONE CAVALHEIRO <sup>1,2</sup>, VALDIR PRIGOL<sup>3</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

Na pesquisa desenvolvida pelo projeto “Crítica, história e teoria: a leitura em Antonio Candido e João Cezar de Castro Rocha” lançamos o nosso olhar para o modo de ler de Antonio Candido, na sua crítica “Dialética da malandragem”, publicada originalmente em 1970, em que faz uma leitura da obra *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Percebemos no modo de ler de Candido, que ele utiliza a metáfora da “Dialética da ordem e da desordem” para analisar o texto através de uma perspectiva que “olha para os dois lados”. Isto é, a imagem da ordem e da desordem, sendo esta percebida a partir da sua relação com o texto, e assim aborda tanto os aspectos ficcionais, encontrados no romance, como também aborda aspectos do contexto em que a obra é escrita, sendo estes os aspectos sociais e históricos.

Para compreendermos seus passos críticos, observamos como o autor desenvolve e apresenta a imagem da “ordem e da desordem” que é encontrada na narrativa, como também na sociedade da época em que o texto foi escrito. Este seu modo de leitura também será observado em outras críticas literárias, por isso, analisamos alguns ensaios dos autores Roberto Schwarz e Erich Auerbach. Além disso, em nossa pesquisa também buscamos as bases teóricas da literatura para compreendermos como a crítica de Candido se assemelha e se difere em alguns pontos em relação às teorias observadas. Para isto, consideramos o formalismo na literatura, através do teórico de Victor Chklovski (1973), e o estruturalismo, com o crítico Umberto Eco (1976). Nesta análise, percebemos que o texto de Candido possui semelhanças com estas teorias, embora aborde uma leitura mais completa e integral, com

1 Acadêmica de Letras Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó. Bolsista de Iniciação Científica da UFFS - Campus Chapecó. Projeto Nas malhas da leitura - Subprojeto Crítica, história e teoria: a leitura em Antonio Candido e João Cezar de Castro Rocha. E-mail: E-mail: [beatriz.cavlh@gmail.com](mailto:beatriz.cavlh@gmail.com).

2 Grupo de Pesquisa: Linguagem, Discurso e Subjetividade, Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Chapecó.

3 Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Orientador. E-mail: [valdirprigol@uffs.edu.br](mailto:valdirprigol@uffs.edu.br)



olhar amplo que abrange também o contexto da obra.

## 2 OBJETIVOS

- Analisar o desenvolvimento da imagem que “olha para os dois lados”, na crítica “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido;
- Analisar a memória da imagem que “olha para os dois lados”;
- Analisar a teoria da imagem que “olha para os dois lados”.

## 3 METODOLOGIA

Para análise da crítica de Antonio Candido, consideramos a imagem que “olha para os dois lados” como nascente de uma relação, esta perspectiva parte do escritor Daniel Link (2001), o qual considera que há uma “correlação de sentidos” entre a obra e o sujeito, o que então promove a relação. Esta relação entendemos aqui como a metáfora que o crítico utilizou para demonstração em seu ensaio, portanto é a “dialética da ordem e da desordem”. Esta metáfora, nascente desta relação, consideramos, conforme Pêcheux (2006), que ela é carregada de memória, tanto do indivíduo que lê, quanto do texto que é lido.

Além disso, para percebermos o desenvolvimento dessa metáfora na crítica de Candido, também consideramos o ponto de vista da historicidade a partir do teórico Didi Huberman (2013). O teórico considera que a análise de uma obra deve ser realizada com um olhar no presente e também com um olhar para a memória da imagem que a obra reflete. Por isso, dialogamos com escritores que abordam um modo de ler semelhante ao de Candido, resgatando assim a memória e o presente da imagem analisada na crítica.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na crítica “Dialética da malandragem” de Antonio Candido, o que percebemos é uma leitura minuciosa da obra de Manuel Antônio de Almeida, inclusive, o crítico retoma leituras anteriores para dialogar com elas e também desconstruir alguns olhares em relação à obra. Após isso, Candido avança para uma leitura em “corpo a corpo com o texto”, expondo ali

fatos e situações da narrativa que apontam a imagem do jogo da “ordem e da desordem”. Nisto, o autor também aborda fatos semelhantes que ocorrem em relação a este “jogo” na vida real da sociedade. A ordem e a desordem refere-se aqui a um jogo, como uma gangorra para dois “polos”, sendo a ordem o lado considerado “honroso” e do outro lado, na oposição, a desordem como o contrário disto.

Candido demonstra que os personagens do livro atuam tanto em um polo como em outro, por isso a imagem da “gangorra” e de “jogo”. Figuras como o "Major Vidigal” e o “Leonardo Filho” são personagens bem característicos para esta demonstração, um como representante da ordem, outro considerado um malandro, inconsequente e de má educação. Contudo, durante o desenvolvimento da narrativa é possível ver algumas inversões nessas polaridades, como quando Leonardo Filho é envolvido para um bom caminho, por outro lado, Major Vidigal é flagrado emocionado, diante de algumas senhoras, demonstrando assim a vulnerabilidade daquele que era considerado o representante da ordem.

Após essa demonstração na crítica (que se estende a outros personagens e a obra de um modo geral), o olhar para a “ordem e desordem” é apontado para a sociedade da época em que o livro foi escrito. Candido, através de pesquisas históricas, aborda a questão social, considerando a construção daquela sociedade em uma ordem que, por fim, também expõe e coloca a sociedade nesse “jogo dialético da ordem e da desordem”. Visto que a sociedade se organizava também daquela forma, conforme cita Candido quando trata do livro: “Lembra o modo de formação das famílias, dos prestígios, das fortunas, das reputações, no Brasil urbano da primeira metade do século XIX.” (CANDIDO, 2004, p. 38).

Posteriormente, o crítico também apresenta uma forma de fazer a leitura crítica de um texto literário, demonstrando como a sua metáfora media o olhar tanto para o texto quanto para o contexto. Portanto, sua metáfora é demonstrada como um ponto em comum daquilo que está na literatura, assim como o contexto que atravessa a narrativa. Expondo, portanto, que a questão social está “dentro” do texto, como um elemento interno indissociável da obra, por isso, é possível considerar a imagem como uma metáfora que “olha para os dois lados”.

Este modo de ler que aponta uma imagem no texto literário para poder analisá-lo, assim como também para analisar os elementos do contexto que estão envolvidos com aquela imagem e com o texto, também é encontrado nos ensaios de outros autores, onde abordamos a memória da imagem que “olha para os dois lados”. Por isso, também analisamos as críticas

“A meia marrom” de Erich Auerbach (2002) e “A poesia envenenada de Dom Casmurro” de Roberto Schwarz (1991). Neste dois ensaios percebemos que o “objeto insignificante”, conforme aponta Auerbach, será uma imagem que olha para a narrativa (“Passeio ao farol”, de Virginia Woolf) e através de um trecho explicará tanto a obra como situações da vida moderna. Assim como Schwarz fará uma leitura de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, em sua crítica, o ciúme de Bentinho é justificado pelas dependências sociais relacionadas com a sociedade daquela época. Nisto o autor percebe que a narrativa possui uma estrutura que pode ser amparada pelo fator social daquele tempo.

Em relação às teorias de leitura que analisamos, o formalismo e o estruturalismo, percebemos que Candido avança um passo a mais na sua crítica, em comparação a estas teorias. Conforme o ensaio “A arte como procedimento” (1973), de Chklovski, uma fonte de estudos para a teoria formalista, o texto é o maior centro de significado para interpretação literária. Isto porque o autor reforça o sentido do “procedimento” realizado através da arte, que torna o objeto singular, sendo percebida através da literatura uma “imagem poética”. Para Candido (2010) esse modo de leitura possui muito valor, uma vez que traz o texto para o “plano de frente” na crítica, porém a análise da obra precisa também considerar o “ambiente”, além da sua estética.

Conforme aponta Candido (1974), esta mesma falta de olhar mais ampla ocorre também no estruturalismo, em que há uma “fixação pelo número dois”, pois a leitura está sempre em busca dos pares correspondentes na obra. Esse modo de ler analisamos no ensaio de Umberto Eco, “James Bond: uma combinatória narrativa” (1976), em que o crítico centraliza sua análise em uma “série de oposições fixas”, fixando-se apenas no elemento interno do texto, desconsiderando o social. Portanto, a crítica de Candido possui o diferencial em apresentar uma imagem que “olha para os dois lados”, esse é ponto chave da sua crítica e o motivo dela ser tão completa em sua análise.

## 5 CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa analisamos como a imagem que “olha para os dois lados” se desenvolve na crítica “Dialética da malandragem” de Antonio Candido. Esta imagem é apresentada como um ponto de mediação entre o texto e o contexto, integralizando assim o

olhar para a obra. Podemos também avaliar este mesmo modo de ler em outros críticos contemporâneos, como Auerbach e Schwarz, seus ensaios possuem pontos semelhantes com ao texto do escritor aqui analisado. Além disso, também percebemos que o modo de ler é diferente de teorias como o formalismo e o estruturalismo, uma vez que abrange a obra de uma maneira íntegra e considera o contexto como elemento interno do texto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Erich. A Meia Marrom. In.: \_\_\_\_\_. *Mimesis*. 4a ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 471 - 498.

CANDIDO, Antonio. A Dialética da malandragem. In.: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 3a. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). *Revista de história*, São Paulo, v. L, n. 100, p. 787-799, out./nov. 1974.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In.: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 11a. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante da imagem*. São Paulo: 34, 2013.

ECO, Umberto. James Bond: uma combinatória narrativa. In. BARTHES. Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1976.

LINK, Daniel. Como se lê. In.: \_\_ *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002, p. 17- 29.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: Estrutura ou acontecimento*. 4 ed. Campinas: Pontes, 2006.

SCHWARZ. Roberto. A poesia envenenada de Dom Casmurro. *Novos Estudos CEBRAP*, São paulo, v. 29, p. 85-97, mar. 1991.

**Palavras-chave:** leitura, discurso, metáfora, crítica, literatura.

**Nº de Registro no sistema Prisma:** PES - 2020 -0065

**Financiamento:** Universidade Federal da Fronteira Sul